

PALMEIRAS, GO, 25 DE AGOSTO DE 2000

Meu caro amigo, governador de Goiás, Marconi Perillo; Dona Valéria, quero saudar, muito especialmente, os Senhores seus pais, a mãe de Dona Valéria, aqui presente para muita satisfação de todos nós; Senhores Ministros de Estado que aqui se encontram; Senhor Senador Iris Rezende; Senhores Senadores; Senhores Parlamentares; Senhores Deputados Estaduais; Senhores Chefes de Confederações; Senhores Vereadores; Senhoras e Senhores; e, sobretudo, esse querido povo de Goiás,

Cada vez que venho a Goiás – e venho sempre que posso – me sinto reenergizado. Hoje, é o dia apropriado para dizer que há uma energia nova em Goiás.

Primeiro, porque, realmente, nós temos uma energia nova. E a Dona Conceição, com os seus 72 anos e 15 filhos, é testemunha de toda uma história deste estado. Ela seguramente viu este estado progredir. Viu este estado sofrer, como nós todos sofreremos sempre na nossa vida, em alguns momentos. Mas viu, também, com confiança, que as coisas avançaram.

E hoje, ao entrar na sua casa, ao vê-la, ela só me disse uma coisa: “Eu queria que o senhor conhecesse um por um meus 15 filhos, que são tudo o que eu tenho”. Isso é uma coisa bonita, é uma coisa brasileira, é uma coisa da mulher brasileira, que constrói a família e que vê, aos 72 anos, que começa a ter um pouquinho mais de condição de vida para melhorar.

Emociona apertar um botão e, de repente, uma moageira de cana começar a funcionar. E, quem conhece as lides do campo, sabe o que isso significa na prática para a vida de uma família que depende da sua atividade rural. É com esses pequenos gestos, Governador, que se constrói uma grande Nação.

E como disse que vinha a Goiás para me reenergizar, é porque efetivamente, ao ver Goiás, ao ver o Centro-Oeste do Brasil, vejo de perto a construção de uma grande Nação. Uma grande Nação para a qual se posso colaborar em algo é muito pouco diante de tudo que já tem sido feito pelos seus filhos. Cada vez que venho a Goiás, me recordo, também, de meus ancestrais, já fim do século XVIII, brigando com os ancestrais do Deputado Caiado, que percorria este estado e ajudou a fazer dele o que é hoje. Um estado de gente que tem fibra, de gente que aqui no coração do Brasil, muitas vezes sem acesso a nenhum grande centro, foi capaz de produzir uma civilização urbana, que começou com o ouro das minas de Goiás, lá em Vila Boa. Que foi avançando pouco a pouco, e que fez uma música barroca, no século XIX, que é de dar inveja a muitos estados do Brasil e a muitos países lá fora. Aqui, no coração do Brasil, os goianos catavam ouro mas faziam música. E faziam músicas e faziam as missas para orar a Deus para a condição que lhes deu de ter esta terra abençoada e nela transformarem aquilo que podia parecer um solo pouco apto à agricultura num dos maiores celeiros do Brasil, como é hoje, com 8 milhões e 500 mil toneladas de grãos.

Basta sobrevoar essa região aqui para ver a quantidade de pivôs centrais. Basta ver a fome de estradas que há em Goiás. E se algo nós estamos fazendo – e vejo que o Ministro dos Transportes, Eliseu Padilha, já com o sorriso dele concordou com tudo que o Governador pediu – só falta falar com a área financeira. Mas, ao percorrer este estado, vê-se a necessidade efetiva de cruzá-lo com mais estradas.

Mas quero lhes dizer que se é verdade que Goiás está construindo e, com ele, o Brasil, também é verdade que neste momento nós vivemos uma nova página da História do Brasil e da História de Goiás. É verdade, Governador, que trabalhamos, trabalhamos juntos, e quantos dos que aqui estão, trabalhamos juntos na Constituinte, no Congresso, nas leis para colocar o Brasil em ordem. Quantos de nós, quantas vezes, tivemos até dúvidas – será que vai dar certo? – quando a inflação galopava, quando os mercados internacionais balançam forte e nós ficamos aqui pensando: “Meu Deus, será que vai tudo por água abaixo?”

É verdade que fizemos a reconstrução institucional, mas, agora, o esforço é maior, é mais difícil – porém mais necessário. Nós, agora, estamos reconstruindo o Brasil moralmente e socialmente para o povo brasileiro. O que o Brasil agora quer é mãos limpas. O que o Brasil agora quer é decência. O que o Brasil agora quer é que em cada obra que se faça, em cada ação do Governo se pergunte: quantos empregos está gerando? Isso vai para os ricos ou vai para os pobres? Esses 2 mil megawatts que nós fizemos aqui em Goiás, o que já é muito bom, para gerar empregos e dar empregos – mas é isso só ou vai ter luz também nas casas dos mais pobres?

E a educação? Goiás brilha por suas universidades. Goiânia é um centro médico reconhecido internacionalmente. E isso é muito importante. Isso dá orgulho a todos nós, brasileiros. Mas nós pensamos também: e o resto? O resto está sendo construído, a educação está avançando. Nós, hoje, temos quase toda a nossa população escolar na escola. Todos os que têm idade de ir para a escola, ou quase todos, estão na escola.

Nós vamos lançar agora um novo programa com os recursos do Fust – Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações – que é um programa que deriva da privatização da telefonia, um programa que vai colocar computadores em todas as escolas do Brasil. Porque o nosso brasileiro vai ter que saber ler, escrever e mexer no computador, para não ficar fora da sociedade da informática. E nós estamos cuidando disso.

E em cada obra que estamos fazendo, estamos reservando algum recurso para a ciência, para a tecnologia, para a pesquisa. Ainda agora, nos convênios aqui assinados, há 50 milhões de reais que são destinados à pesquisa. Nós sabemos que o que vale num povo é o ser humano. Temos que construir as bases de uma sociedade coesa, de uma sociedade decente, de uma sociedade em que todos tenham pão – e que o pão não suba de preço – e numa sociedade em que, efetivamente, as pessoas possam saber que seus filhos terão escola, que seus filhos terão hospital.

Neste momento, Governador, no Brasil, só o Governo Federal está distribuindo 1 milhão de bolsas-escola. Ninguém sabe disso. Um milhão de bolsas-escola. Nós temos um programa que se chama Peti – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, do trabalho penoso – que já distribuiu mais de cem mil bolsas-escola para tirar crianças do trabalho penoso. E até o fim do meu governo, vou tirar todas as crianças dos trabalhos penosos que ainda existem no Brasil.

Esse novo Brasil precisa de gente como você, Marconi, gente com essa energia jovem, com essa humildade de dizer, com generosidade, que é discípulo. Discípulo sou eu, do nosso povo, como você. Somos os dois, juntos, aprendendo a construir o Brasil para o nosso povo. Mas quero dizer que o governador está aprendendo muito depressa a construir esse Brasil que nós queremos, aprendendo com esse grande povo goiano.

Minhas amigas, meus amigos, eu não tenho mais dúvidas. Se dúvidas eu tive, em algum momento – e eu já disse que as tive – tive lá nos idos de 93, quando o Brasil era só incerteza. Não se sabia calcular nada, não se tinha, nem sequer, a informação para tomar uma decisão. Confesso que tive dúvidas sobre se seríamos capazes de controlar a inflação. Confesso que tive dúvidas depois da crise da Rússia, depois da desvalorização da moeda, se seríamos capazes de colocar, de novo, o Brasil nos trilhos. Hoje, ninguém tem o direito de duvidar deste país, ninguém tem o direito de duvidar deste povo. Este povo vai continuar crescendo, se desenvolvendo, construindo uma grande nação.

E é essa lição que eu vim colher, aqui, no meio de Goiás, aqui em Palmeiras, ao ver que a Dona Conceição, com os olhos embaçados, tem esperança. Na idade que tem, ela vê essa esperança se concretizar numa coisa tão simples para nós outros, que vivemos na cidade, e tão doída de ser, tão difícil de ser alcançada por quem está perdido nesses mundões do Brasil afora. Mas ela tem esperança. Se ela tem esperança e se ela viu a sua esperança se concretizar, nós vamos ter, mais que esperança, a determinação de fazer com que a esperança seja presente, fazer com que nosso povo tenha tudo aquilo que ele merece.

Governador, quero dizer uma última palavra, porque não quero que o sol prejudique demais aqueles que estão nos vendo, e que com tanto carinho vieram até aqui para nos dar um abraço. Quero lhe dizer, Governador, que, no que depender de mim, o que foi dito pelo senhor aqui, como sendo um anseio de Goiás, vai encontrar em mim um companheiro. Não prometo o que não posso fazer, mas prometo o meu empenho. Podem contar com o meu empenho. Sei que a Ferrovia Norte-Sul é importante. Vão contar com o meu empenho para ver o que é possível.

Sei que a duplicação da ligação entre Brasília, Anápolis, Goiânia – o caminho para São Paulo, a possibilidade de chegarmos com mais segurança lá – é importante para Goiás. Sei que há outros estados importantes, e eu sei, sobretudo, que o povo goiano, como todo o povo brasileiro, quer mais segurança. E é por isso que nós começamos pelo Entorno de Brasília, aqui no solo goiano, o nosso programa de segurança pública, para que as famílias não vejam tanto assalto, tanto horror perante os céus. Podem contar com nosso apoio, com nosso empenho.

Quero voltar aqui, a Goiás, antes do fim do meu mandato, algumas vezes, Governador, e quero ver este estado com essa mesma energia e quero vê-lo, Governador, cada vez com mais força pelo seu estado. Quero sentir a presença ativa de todos os goianos, dos vários partidos que aqui estão. Devo agradecer a todos eles, que não me faltaram com o apoio. Se, de vez em quando, num momento ou noutro, há uma briga local, essa briga nunca obnubilou a visão de

um grande país. É um estado que dá uma lição de coesão. E essa lição de coesão, Governador, tem às suas mãos um timoneiro muito firme, e pode ter certeza de que terá das minhas mãos o apoio total de que Goiás precisará para seguir a sua senda de progresso, de bem-estar para o seu povo.

Ao apertar as suas mãos, peço que cada um dos goianos e das goianas aqui presentes receba o meu afeto e o meu agradecimento. E viva Goiás!